

ESTUDOS HISTÓRICOS

5 HISTÓRIA
E CIÊNCIAS SOCIAIS

SUMÁRIO

- 3 — Distância e diálogo: história e ciências sociais nos EUA **GERSON MOURA**
- 29 — Brazilianismos, 'brasilianists' e discursos brasileiros **FERNANDA PEIXOTO MASSI**
- 45 — Brasil com z **HELOÍSA A. PONTES**
- 66 — Brazilianistas, historiografia e centros de documentação **REGINA DA LUZ MOREIRA**
- 75 — Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore **MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI E LUÍS RODOLFO DA PAIXÃO VILHENA**
- 93 — Só para iniciados **MARIZA G. S. PEIRANO**
- 103 — Warren Dean: um brasilianista
- 114 — Uma entrevista com Howard S. Becker
- Resenha*
- 137 — As ciências sociais como objeto de estudo **ALZIRA ALVES DE ABREU**
- 143 — *Resumos*

ESTUDOS HISTÓRICOS 1990/5

© ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA (APDOC)
é uma publicação semestral que resulta do esforço coletivo de pesquisadores do
CPDOC/FGV.

Editores

Ângela de Castro Gomes (Cpdoc/FGV)
Helena Maria Bousquet Bomeny (Cpdoc/FGV)
Lúcia Lippi Oliveira (Cpdoc/FGV)

Coordenadora editorial

Cristina Mary Paes da Cunha (Cpdoc/FGV)

Conselho editorial

Alzira Alves de Abreu
Aspásia Camargo
Elisa P. Reis
Francisco Falcon
Gerson Moura
Gilberto Velho

Hugo Lovisolo
José Murilo de Carvalho
Margarida Neves
Otávio Velho
Ricardo Benzaquen de Araújo
Rubem Cesar Fernandes

Conselho consultivo

Berenice Cavalcante
Boris Fausto
Caio Cesar Boschi
Carlos Guilherme Motta
Celso Lafer
Charles Pessanha
Ciro Flamarion Cardoso
Edgar de Decca
Eulália Lahmeyer Lobo
Fernando Novais
Flora Sussekind
Francisco Iglésias
Ilmar Rohloff de Mattos

Isaac Kerstenetsky
Ismênia de Lima Martins
José Sérgio Leite Lopes
Luís Costa Lima
Maria Bárbara Levy
Maria Victória Benevides
Maria Stella Bresciani
Maria Yedda Linhares
Rubem George Oliven
Sandra Jatahi Pesavento
Silviano Santiago
Simon Schwartzman
Winston Fritsch

Revisão de texto

Maria Izabel Penna Buarque de Almeida

Digitadores

Carlos Gilaberte
Márcia de Azevedo Rodrigues (Cpdoc/FGV)

Apoio Fundação Banco do Brasil
Programa de Apoio a Publicações Científicas

MCT



SÓ PARA INICIADOS

Mariza G.S. Peirano

São quatro autores clássicos da antropologia os personagens do livro recente de Clifford Geertz, *Works and lives - the anthropologist as author* (Stanford, Stanford University Press, 1988, 157 p.). À primeira vista a impressão é de que se trata de um desdobramento do artigo de 1983, no qual Geertz propunha uma etnografia do pensamento moderno que se seguiria à etnografia de povos exóticos. Se a questão era se saber como outros organizam seu mundo significativo, estes outros tanto poderiam estar além-mar quanto no fim do corredor: "Agora somos todos nativos", proclamou Geertz (1983).

Dentro dessa perspectiva, as várias disciplinas acadêmicas representariam "formas de estar no mundo" e, para estudá-las, três temas seriam de especial importância. No primeiro caso estariam os dados como descrições, medidas e observações. Argumentava Geertz que, "já que os estudiosos modernos não são mais solitários que os *bushmen*" (1983:156), métodos antropológicos clássicos poderiam ser aplicados a ambos. O segundo tema compreenderia as

categorias lingüísticas, pelas quais o autor confessava a sua simpatia: como na etnografia tradicional, quando o significado de termos-chaves é discernido, esclarece-se muito da maneira como se vive no mundo. Finalmente, o foco de atenção estaria na observação do ciclo de vida, no qual fenômenos sociais, culturais e psicológicos estariam impressos no contexto de carreiras acadêmicas. É com esta expectativa, a de encontrar uma etnografia da antropologia, que se pode ler *Works and lives*, publicado em 1988.

O livro é construído de maneira elegante. Entre uma introdução ("Being there") e uma conclusão ("Being here") inserem-se quatro ensaios, cada um focalizando um autor clássico da disciplina: Lévi-Strauss, Evans-Pritchard, Malinowski e Ruth Benedict. A preocupação de Geertz, entre os temas metodológicos que havia estabelecido anteriormente, está no segundo deles: a linguagem. Geertz avisa no prefácio que, embora temas biográficos e históricos entrem eventualmente na discussão, o estudo se restringe principalmente à questão de como os antropólogos es-

crevem, ou, como diz o subtítulo, no problema "do antropólogo como autor".

A introdução, "*Being there*" é sobre a pesquisa de campo. Já a conclusão, "*Being here*" diz respeito à academia. Segundo Geertz, o texto antropológico é levado a sério porque os autores conseguem demonstrar *aqui*, para seus leitores, que estiveram *lá* ou que fizeram pesquisa de campo. A antropologia, desta perspectiva, é mais afim com o discurso literário que próxima do discurso científico: o desafio do antropólogo está em conciliar sua visão íntima da experiência de campo com o relato claro e moderado na transmissão desta experiência.

Na introdução, Geertz assume algumas posições. Primeiro, ressalta que o exercício etnográfico coloca o antropólogo no papel de um escritor: o antropólogo não relata meramente, mas cria um texto literário. Segundo, ele propõe que não é possível separar o estilo do conteúdo ou, como elabora mais adiante no livro, "the way of saying is the what of saying" (p. 68). Terceiro, como a tarefa do antropólogo é extremamente complexa, Geertz não partilha o ideal da linguagem límpida e serena e prefere expressar suas dúvidas de modo a fazer afirmações "para depois sombreá-las, em termos de referências tendenciais" (p. 64).

Na conclusão, Geertz diz que não é no campo, mas na academia que o trabalho do antropólogo se legitima. Esta é uma profissão que vive da e na academia: é porque os antropólogos escrevem, publicam, são revistos, citados, ensinados, que seus textos são legítimos. O escrever antropológico implica, assim, questões morais, políticas e epistemológicas, questões estas que os "fundadores da discursividade" — como então Geertz chama os quatro autores que examinou do corpo do livro — não tiveram de enfrentar. Para Lévi-Strauss, Evans-Pritchard, Malinowski e Ruth Benedict, a dificuldade em transformar a experiência em palavras era apenas

um problema técnico: hoje, esta dificuldade constitui um problema moral. Embora tenha tido enormes dificuldades de formulação a enfrentar, aqueles antropólogos foram poupados do esforço de justificar sua empreitada.

No corpo do livro, cada autor mencionado recebe um capítulo. Geertz escreve quatro ensaios pouco ortodoxos, nos quais elogia trabalhos desconhecidos de autores consagrados e condena trabalhos e autores considerados clássicos. Até aí, nada de mais. No momento em que "agora somos todos nativos", são desejáveis, senão bem-vindas, as releituras, mesmo quando o tom é irônico e mordaz. O que incomoda no livro de Geertz é que a ironia parece desconcertante e desproposita e é usada para provar uma tese à qual nos é vedado o acesso até as últimas páginas do livro.

Nesse meio tempo, o próprio Geertz se vê envolvido em questões que são também morais, políticas e epistemológicas. De um lado, Geertz ignora de maneira aparentemente proposital as questões teóricas que os autores levantaram: já que tudo está na linguagem, a força retórica muitas vezes se confunde com o poder teórico de explicação. Por outro lado, faz falta o contexto intelectual no qual os autores escreveram. Apenas no caso de Ruth Benedict o contexto explica o estilo, o que torna desigual o argumento dos quatro ensaios. Finalmente, perturba a ausência de empatia com os autores. Foi Flaubert quem, em 1872, escreveu a Ernest Feydeau dizendo que "quando se escreve a biografia de um amigo, deve-se escrevê-la como se para vingá-lo" (cf. Barnes, 1985). Nem Geertz se propõe a escrever biografias, nem vemos em seus autores potenciais amigos. Com exceção, novamente, de Ruth Benedict, ele não os vinga mas, ao contrário, compraz-se em denunciar vivos e mortos, em uma tarefa frequentemente ingrata. O antropólogo deixou de ser herói.

Ingrato, por exemplo, é mostrar como o melhor ou único trabalho viável de Lévi-Strauss é *Tristes tropiques* — quando sabemos que esta não foi a antropologia que Lévi-Strauss quis perpetuar — ou que o obscuro relatório de guerra escrito por Evans-Pritchard, *Operations on the Akobo*, é tão útil para desmistificar a (falsa) segurança do autor quanto qualquer de suas obras mais conhecidas. Ingrato é usar o diário de campo de Malinowski apenas como pretexto para admoestar três jovens autores sobre os perigos da elaboração monográfica. Finalmente, é ingrato alçar Ruth Benedict ao panteão dos clássicos porque simplesmente esta autora conseguiu a proeza de mostrar, com enorme sucesso de venda e, por conseguinte, força retórica, o estranho no familiar, "nativizando", assim, os norte-americanos. Talvez percebendo sua postura geral, quase na metade do livro Geertz fala da sua ansiedade em não ser visto como alguém que procura desmascarar, desmistificar, desconstruir ou diminuir seus autores, aos quais, confessa, "incluindo E-P, eu tenho o maior apreço, quaisquer que sejam nossas diferenças de posturas sociais" (p. 59).

Esta ansiedade é justificada. Quem denuncia, ironiza, critica, tem o compromisso de apresentar alternativas, sob pena de que as denúncias, ironias ou críticas não passem de manifestações inconseqüentes de virtuosismo retórico. Voltaremos a esse ponto. Por enquanto, vejamos em mais detalhes o que Geertz diz sobre os nossos clássicos.

Lévi-Strauss é o primeiro, e a surpresa não demora: Geertz para quem o estruturalismo nunca foi abordagem de predileção, faz uma leitura amável e simpática de Lévi-Strauss. As posições dos dois eram tidas como opostas: enquanto para a antropologia de Geertz os fenômenos sociais são textos para serem interpretados, o estruturalismo os tem como enigmas para decifrar, independentemente do sujeito, do

objeto e do contexto (Geertz, 1983:449). Mais: a interpretação proposta por Geertz vem unida a uma perspectiva particularista, enquanto o estruturalismo de Lévi-Strauss é universalista por definição.

Mas aqui, entre todas as obras de Lévi-Strauss, o livro escolhido é *Tristes tropiques*, que é visto como notável porque nele o autor conseguiu combinar uma enorme diversidade. Ora Lévi-Strauss é o viajante, no momento seguinte é etnógrafo, ao mesmo tempo desenvolve reflexões filosóficas e, às vezes, escreve o que seria um tratado reformista (Geertz, 1983:35-9). O segredo dessa riqueza, diz Geertz, é que Lévi-Strauss não escreveu *Tristes tropiques* como um meio para atingir algo, mas como um texto em si: ele é, portanto, um documento da mentalidade simbolista dos franceses no seu encontro com outras mentalidades simbólicas (bororo, caduveu, nambiquara), as quais procura penetrar na sua coerência interna, a fim de encontrar a réplica de si própria. *Tristes tropiques* enfatiza a afinidade da memória, da música, da poesia, do mito e do sonho e é, para Geertz, nada menos que *À la recherche du temps perdu* de Lévi-Strauss.

Proustiano ou não, o livro tem mais ainda a seu favor: é aí que Lévi-Strauss deixa claro que não há continuidade na passagem entre experiência e realidade e chega a afirmar que "para encontrar a realidade precisamos inicialmente repudiar a experiência, mesmo que, mais tarde, a reintegramos numa síntese objetiva na qual a *sentimentalité* está excluída" (citação em Geertz, 1988:46). Esse tema, privilegiado para Geertz, é reforçado pelos temores que Lévi-Strauss experimenta quando, ao procurar os desconhecidos tupi-kwahib, ele encontra só estranhamento: "lá estavam eles (...) perto como o reflexo no espelho: eu podia tocá-los, mas não podia entendê-los" (cit. p. 47). Essa experiência, que foi para Lévi-Strauss recompensa e punição, explica para Geertz a opção pelo estrutu-

ralismo universalizante, opção esta que, ao dissolver o contato imediato, dissolveu junto o estranhamento.

Esta interpretação de Geertz é bastante sugestiva. Mas é preciso reconhecer que ela omite o fato de que *Tristes tropiques* não foi escrito antes, mas paralelamente às obras "antropológicas" de Lévi-Strauss: o livro foi publicado seis anos depois de *As estruturas elementares do parentesco* e sete antes de *O pensamento selvagem*. O livro é um texto livre, que hoje pode ser recuperado como exemplo de construção de texto porque não foi escrito como tal na década de 50: naquela época, a antropologia ainda vivia a questão da sua cientificidade, tanto assim que concebê-la como arte foi motivo de ruptura entre Evans-Pritchard e Radcliffe-Brown. O contexto no qual *Tristes tropiques* foi escrito é o mesmo que produziu, por exemplo, *The savage and the innocent* e *Akwe-Shavante society* (Maybury-Lewis, 1965 e 1967): o primeiro, um livro reflexivo sobre a experiência etnográfica; o segundo, a antropologia propriamente dita. O que Lévi-Strauss sacrificou, então, em termos de estranhamento etnográfico ele aproveitou, em seus clássicos *O pensamento selvagem* e *Totemismo hoje*, para enriquecer sua proposta de explorar os mecanismos simbólicos da mente humana.

Assim, é saudável recuperar *Tristes tropiques*, mas é preciso ter consciência de que esta recuperação significa que o submetemos a uma *bricolage* no tempo, atribuindo-lhe valores que são fruto de nossas preocupações contemporâneas.

Evans-Pritchard. É impossível não se especular se uma boa dose de capricho, para não dizer perversidade, não fez Geertz escolher justamente "Operations on the Akobo, 1940-1", publicado em um periódico militar inglês, como texto para analisar o trabalho de Evans-Pritchard. É o próprio Geertz quem diz que para seu

propósito "almost any line of E-P ... would do" (p. 49), da primeira página de *Witchcraft a Nuer religion*. Geertz justifica afirmando que "Operations" permite discernir melhor os limites do discurso de Evans-Pritchard ou, na concepção wittgensteiniana, os limites do seu mundo.

Em "Operations", Evans-Pritchard relata sua participação na primeira fase da Segunda Guerra, descrevendo suas atividades no Sudão como um *bush-irregular*. O texto mostra, segundo Geertz, como Evans-Pritchard prova, de maneira exemplar, que esteve "lá", recrutando nativos, fazendo alianças com os reis anuak, criando emboscadas para os italianos. Os anuak eram difíceis de disciplinar ("gostavam de marchar e combater, mas não simplesmente marchar") e foram fundamentais na desocupação da área. No final da expedição, Evans-Pritchard é mandado, a contragosto, de Gila para a Etiópia, com a finalidade de demonstrar a dominação britânica. Isto ele faz no sentido mais literal, levando uma bandeira e fincando-a em todas as aldeias em que acampava.

Para Geertz, "Operations" mostra claramente a estratégia textual de Evans-Pritchard, baseada no contrato narrativo entre o autor e seus leitores. O estilo de Evans-Pritchard pressupõe que tudo deve ser dito de forma clara, confiante e sem complicação. A falta de envolvimento do autor é cuidadosamente preservada e se reflete na pontuação extremamente simples e regular: nas palavras de Geertz, "as few commas as possible, mechanically placed, and hardly any semicolons at all: readers are expected to know when to breathe" (p. 60). Outras características apontadas por Geertz: a paixão pelas frases simples do tipo sujeito-predicado-objeto; ausência de citações em língua estrangeira; preferência pelo declarativo explícito, sem jargão. Em suma, um estilo petulante. A insinuação é a de que, mesmo no relato dramático de uma

situação de guerra, Evans-Pritchard não abandona o tom sereno e objetivo.

Evans-Pritchard parece incomodar profundamente Geertz. Apesar de reconhecer *"the maddening brilliance"* dos textos de E-P (p. 49), Geertz sente-se aparentemente atingido pela segurança, limpidez, equanimidade, superioridade e estilo coloquial do autor (p. 49). Numa passagem que seria empobrecedor traduzir, Geertz resume sua visão:

"It would be as unwise to assume that Evans-Pritchard was anything less than intensively aware of the figure he is cutting here as it would be to swallow him or his story whole. The tale has clearly been through too many pub recitals to be the offhand account it so industriously pretends to be" (p. 57).

Se o texto é seguro e limpo, é porque Evans-Pritchard não sentiu a ambigüidade na relação entre a experiência e o texto. Acrescente-se ainda que Geertz não dá muito crédito a Evans-Pritchard por seus trabalhos. Para Geertz, os estudos clássicos de Evans-Pritchard apenas mostram que ele foi capaz de encontrar algo que existe na nossa cultura, mas que não existe em outra. Por exemplo, entre os azande, descobriu a preocupação com causas naturais e morais: entre os nuer, detectou a ausência da lei do Estado e da violência. Ao adotar um estilo equânime, Evans-Pritchard confirma o domínio destes termos e mostra que as diferenças, por mais dramáticas, não contam muito — oráculos de veneno, *"ghost marriages"*, sacrifícios de pepino, todos adequam-se às categorias culturais da academia britânica e podem ser ilustrados com fotos posadas e desenhos técnicos.

Ficam algumas questões. Primeiro, se Evans-Pritchard apenas tivesse confirmado as categorias européias, talvez seus trabalhos não se prestassem à reanálise e não suscitassem os debates sobre o pensamento

primitivo e científico (por exemplo, Tambiah, 1985 e Horton, 1967). Segundo, se, como diz Geertz, as fotografias dos livros de Evans-Pritchard fossem apenas emblemáticas, como interpretar as legendas, dirigidas a uma audiência tradicionalmente acostumada à realeza: *"A witch-doctor divining at the court of Prince Ndoruma"*, *"A nobleman, Bavongara"*, *"A Zande courtier, with some of his wives and children"*? Talvez Evans-Pritchard tenha sido mais sutil que a percepção de Geertz. Finalmente, sabemos que era propósito de E-P fundir a linguagem da pesquisa com a da monografia, construindo novos conceitos que englobassem as duas, empreendimento que ele concebeu como "tradução etnográfica" (Evans-Pritchard, 1951). O problema de Geertz não estava tão ausente.

Chega a vez de Malinowski. Ele é importante para Geertz porque foi quem nos deixou o legado crucial da antropologia. Concebendo a experiência etnográfica como uma imersão completa, Malinowski confrontou os perigos que espreitam a inevitável vida múltipla no campo: o isolamento, o contato com a população local, a memória das coisas familiares e do que se deixou para trás, as dúvidas sobre a vocação e, mais dramaticamente, o capricho das paixões, as fraquezas do espírito e a falta de direção dos pensamentos. Em suma, a constituição do *self* e, depois, o desafio literário da passagem da experiência *"out there"* para aquilo que se diz *"back here"* (p. 78). Para se tornar um convincente *"I witness"*, diz Geertz, o antropólogo deve primeiro tornar-se um convincente *"I"*. O diário de Malinowski mostra este processo.

O diário mostra também um problema comum aos diários em geral: a crença na sinceridade, que, segundo Geertz, é uma futilidade, depois de Freud, Sartre e Marx. A nova geração, contudo, parece desconhecer o dilema do diário, que no caso etno-

gráfico é sempre parte *scholarship* e parte auto-reflexão. Os jovens cada vez mais optam pela construção de textos no estilo "etnográfico-tipo-diário" e invariavelmente confrontam-se com as ansiedades literárias decorrentes.

Geertz escolhe três livros de autores da nova geração, a quem chama de "filhos de Malinowski": de Paul Rabinow, seleciona *Reflections on fieldwork in Morocco*; de Vincent Crapanzano, escolhe *Tuhami*; de Kevin Dwyer, *Moroccan dialogues*. A despeito dos diferentes estilos, os três autores chegam, por vias diversas, ao impasse da sinceridade: Rabinow mostra-se um clássico no estilo *éducation sentimentale*; Crapanzano fecha-se no círculo psicanalítico com seu informante, e Dwyer apresenta seus diálogos de forma integral e não-seletiva. A esses textos correspondem diversas construções do "eu": Rabinow é o homem incompleto, vago para si próprio e para os outros; Crapanzano é figura esculpida, trabalhada e polida; Dwyer é retoricamente negado ao se apresentar apenas como interlocutor de seu informante marroquino. O desconforto que os três autores partilham em relação ao fazer etnográfico mostra, em Rabinow, o antropólogo adaptável à experiência, em Crapanzano, o intelectual *mondain*, e em Dwyer, o moralista determinado.

Ao leitor de Geertz resta apenas a descoberta de que os três autores não são filhos de Malinowski, mas do próprio Geertz. Malinowski é pretexto. Rabinow, Crapanzano e Dwyer têm em comum o diálogo com Geertz (Rabinow, 1985; Crapanzano, 1986; Dwyer, 1982, ver Trajano, 1988) e só indireta e de forma remota com Malinowski. Nesse processo, descobre-se um elo de parentesco encoberto: a filiação de Geertz a Malinowski, já insinuada anteriormente em *"From the native's point of view"* (Geertz, 1983, cap. 3), mas tornada aqui mais explícita, embora não reconhecida. Malinowski-etnógrafo, particularista, à

procura do ponto de vista do nativo é o inspirador de Geertz, o etnógrafo interpretativo.

Com Ruth Benedict muda o tom dos ensaios. Agora, pela primeira vez, temos contexto e, mais, números. O contexto é o período entre-guerras e aquele imediatamente após a Segunda Guerra, de uma antropologia que prometia aos pesquisadores transformá-los em "cientistas" e da personalidade de uma mulher que inicia sua carreira já madura, em termos de idade e de realização profissional. Os números impressionam: dois milhões de cópias para *Padrões de cultura* e 350 mil para *O crisântemo e a espada*.

Diferentemente dos outros autores, alvos de críticas veladas e ironias finas, Ruth Benedict é redimida por Geertz por haver demonstrado força de expressão retórica e compreensão do momento político. Com um estilo adulto, seus textos são breves, vívidos e altamente organizados: são os livros certos para as horas certas, diz Geertz. Em *Padrões de cultura*, Ruth Benedict junta os zuni, os kwakiuti e os dobu para resgatar, a partir do contraste apolíneo/dionisiaco, o material etnográfico de modo que o singular das descrições torne-se geral pelas implicações. Em *O crisântemo e a espada*, ela acentua as diferenças entre norte-americanos e japoneses de tal maneira que, ao descrever a incredulidade recíproca de uns em relação à cultura dos outros, o resultado é que o Japão surge como menos errático e arbitrário e os Estados Unidos, mais "nativizados". Para os norte-americanos, naturalmente.

Este processo de "nativização" dos Estados Unidos é uma das realizações mais poderosas de Ruth Benedict na perspectiva de Geertz. Ela fez uso de uma estratégia simples: mostrou o estranho como familiar, apenas com sinais trocados. Não se trata de um procedimento satírico: para Geertz, as ironias de Ruth Benedict, são sinceras e o

que mais ressalta no seu texto é o alto grau de seriedade que ela transmite.

Ruth Benedict, então, merece um lugar de destaque entre os clássicos porque escreveu "mais para constranger o mundo do que para diverti-lo" (p. 128). As conseqüências perversas desta reabilitação são óbvias: se os limites da antropologia estão demarcados pela opção entre "constranger" e "divertir", nosso mundo é muito pobre. A visão que Geertz propaga do trabalho de Ruth Benedict mostra que, ao reduzir o texto etnográfico à sua dimensão retórica, a medida do sucesso da disciplina dependerá do número de cópias vendidas: antropologia como *best-seller*.

Recuperando Ruth Benedict para o panteão dos ancestrais, atacando o britanismo de Evans-Pritchard, valorizando as reflexões etnográficas de Lévi-Strauss mas desmerecendo seus trabalhos mais reconhecidos e usando Malinowski para admoestar a nova geração, Clifford Geertz passeia pela tradição da antropologia em ensaios ora irônicos, ora espirituosos, com freqüência *cute*. Geertz é aqui um leitor mais mordaz e desafiador do que empático. Estes são ensaios dirigidos a quem conhece antropologia: são textos para iniciados, já que Geertz não discute contexto, mas apenas linguagem, e sugere que fazer antropologia é somente uma questão de convencimento, sugestão, estilo e retórica. O termo "teoria" está conspicuamente ausente — mesmo via linguagem —, exceto em um parágrafo sugestivo:

"Certainly, with the appearance of the so-called British 'school' of social anthropology, which is held together far more by this manner of going about things in prose than it is by any sort of consensual theory or settled method, this 'theatre of language' has become the most prominent. (What E-P, A.R. Radcliffe-Brown, Meyer Fortes, Max Gluckman, Edmund Leach, Raymond

Firth, Audrey Richards, S.F. Nadel, Godfrey Lienhardt, Mary Douglas, Emrys Peters, Lucy Mair, and Rodney Needham share, aside from rivalry, is tone, though some of them are greater masters of it than others.)" (p. 59)

Depois de mostrar que ele, Geertz, conhece os autores e sabe o que está dizendo, percebe-se que sua irreverência não é gratuita. Geertz reconhece uma crise atual de tais proporções que chega a se perguntar se o próprio empreendimento de escrever etnografias não está em risco. O problema da inadequação das palavras à experiência, que os "fundadores da discursividade" enfrentaram, hoje é inseparável de questões morais, políticas e epistemológicas. Na época de Lévi-Strauss, Evans Pritchard, Malinowski e Ruth Benedict, diz Geertz, o problema era apenas técnico: o que eles faziam podia parecer estranho, mas era admirado; para eles, os sujeitos da observação e a audiência para a qual escreviam estavam separados e moralmente desligados. Descrevia-se para uns o que se observava em outros. Hoje dominam um medo da hipocrisia, sentimentos de desilusão e de estranhamento, e a própria descrição como tal é questionada. Para alguns, como Stephen Tyler, a descrição deve ser substituída pela evocação (p. 136).

A crise sentida por Geertz faz parte de uma tendência dominante na ideologia moderna, mas, se crises existem, elas não nasceram ontem. Malinowski, o polonês que ousou legitimar-se contra o evolucionismo britânico, certamente enfrentou uma crise moral e epistemográfica. Evans-Pritchard, mesmo tendo se mostrado indiferente ao relatar as operações militares da Segunda Guerra, questionou a própria racionalidade dos ocidentais e seus princípios de governo. Lévi-Strauss, quem sabe, não terá optado pela via estruturalista como saída para o impasse moral resultante do encontro etnográfico? Por sua vez, Ruth

Benedict não pode ser isentada de seu envolvimento em serviços de espionagem durante a guerra apenas porque divulgou a "nativização" dos Estados Unidos em 24 línguas.

Pensar, então, que os "fundadores da discursividade" eram legítimos no seu tempo talvez seja uma atitude fácil e simplificadora. É mais possível supor o oposto: que a antropologia era um empreendimento e vocação tão questionáveis até o meio do século que ela abrigava, na sua maioria, imigrantes e mulheres, sendo raros na história da disciplina aqueles que, como Evans-Pritchard, tinham um lugar assegurado por nascimento na sua sociedade.

Como qualquer outra instituição cultural, diz-nos Geertz em aparente contradição com seus próprios ensaios, a antropologia "*is of a place and in a time*" (p. 146). A antropologia de Geertz é também de um lugar e de um tempo: os Estados Unidos dos anos 70 e 80, que partilham o ideal de uma visão democrática do mundo. Esta visão da antropologia remonta, se não antes, a Franz Boas e aos estudos sobre o racismo do início do século. A proposta atual de Geertz constitui um refinamento dessa tradição pela expectativa nela implícita de que o discurso etnográfico possa ser a ponte para o diálogo através das linhas divisórias das sociedades: linhas de separação étnicas, de religião, classe, gênero, linguagem e raça (p. 147). A proposta, reafirmada desde *A interpretação das culturas* (Geertz, 1973) e posta em prática por alguns antropólogos por ela inspirados (Fischer, 1980, por exemplo), é de que a antropologia possa "alargar a possibilidade de discurso inteligível entre povos muito diferentes uns dos outros em interesse, aparência, riqueza e poder" (p. 147). Fazendo parte de um mundo onde é cada vez mais difícil evitar o encontro, esse programa responderia à crise moral e política que se apresenta nos dias de hoje.

A consciência da crise é séria e o resultado incerto. Mas como Geertz não percebe ou não admite uma saída que seja ao mesmo tempo *moral* e *teórica* e, se é verdade, como ela prega, que "*the way of saying is the what of saying*", então ele está brincando e ironizando, e não dizendo muito. Pode-se mesmo perguntar que tipo de diálogo é possível tendo como base a irreverência e a ironia.

Por outro lado, Geertz parece não se dar conta de que, independentemente da maneira como outros clássicos escreveram (Weber, Freud, Marx etc.), seus problemas teóricos permaneceram, passado mais de um século, e o conteúdo do que produziram não foi ofuscado pelo tempo. É um sinal da escuridão e da pobreza da nossa tradição das ciências sociais contemporâneas, diz-nos o filósofo hindu A. K. Saran, que "aqueles que têm a grandeza de perceber a verdadeira natureza da civilização moderna e ver que o seu destino está selado não tenham a magnanimidade de oferecer nada mais que (...) uma ciência melancólica, ou uma arqueologia irônica (...) ou uma teoria da cultura irônica, uma secularização de segunda mão ou uma sociologia do naufrágio" (Saran, 1987:32). A citação parece pertinente aqui.

Nas mãos do próprio Geertz, a etnografia do pensamento moderno que ele propôs em "The way we think now" perde a candura: Geertz escreve com um objetivo específico — criar o desejado diálogo — e a história se transfere em um mito que ele cria em proveito próprio. Em 1988, Geertz está longe de ver a cognição e o imaginário como temas sociais segundo a proposta de 1983: na medida do seu interesse imediato, são a linguagem, o sucesso, as guerras ou a espionagem que recebem seu aplauso ou reprovação.

Ler Geertz é importante, porque nos faz pensar sobre o texto antropológico como texto literário, nós que também vivemos o dilema da cientificidade. É bom estar aler-

ta, no entanto, para o perigo do esteticismo, que o próprio Geertz reconhece e aponta, apesar da inconsistência que demonstra em relação a ele: a de que os etnólogos fiquem muito presos à questão retórica e, por exemplo, possam acreditar que o valor dos textos sobre tatuagens ou feitiçaria se exaure nos prazeres da escrita (p. 142).

É interessante que esta observação seja feita apenas nas últimas páginas do livro: afinal, o leitor foi bombardeado com críticas à retórica nos ensaios anteriores. Mas é só neste último capítulo, quando Geertz focaliza a questão do *being here*, que entendemos melhor o alcance de suas observações. É então que Geertz reconhece as energias que criaram a antropologia em dois fenômenos específicos: primeiro, na expansão imperial do Ocidente e, segundo, na crença salvacionista da ciência (p. 146).

Nesse contexto, Evans-Pritchard leva a pior, porque é culpado das duas: a segurança e o convencimento do seu estilo servem de evidências a Geertz de que ele participou da crença nos poderes da ciência e deu sua aquiescência ao poder colonial. Já Ruth Benedict, cuja contribuição à antropologia pode ser questionada, recebe os louvores de quem foi protagonista popular e democrática. E como em *Tristes tropiques* ecoam diferentes gêneros literários sem que os livros se enquadre em nenhum deles, pode-se dizer que aí não há ciência nem colonialismo: frente ao choque do estranhamento, Lévi-Strauss fica, bem ao agrado de Geertz, perplexo, à procura do tempo perdido ou da tribo que não consegue alcançar. O livro se transforma, então, no modelo contemporâneo de construção etnográfica. Enfatizando o diálogo democrático, a proposta de Geertz surge como oposta à de Evans-Pritchard, o vilão da história, e a opção pelo discurso irônico, *cute*, pontilhado de vírgulas e intercalado por orações subordinadas, repleto de citações estrangeiras, exorciza um sentimento de culpa imperialista que Geertz

aparentemente partilha. Explica-se, então, tanto a irritação que lhe causa Evans-Pritchard quanto as leituras amáveis mas tendenciosas que faz de Lévi-Strauss e Ruth Benedict.

Ao leitor brasileiro cabe finalmente lembrar que tudo isso nos faz pensar que o nosso *being here* difere substancialmente daquele de Geertz. Aqui, não só a legitimação da profissão não se dá apenas dentro dos muros da academia, como *being here* e *being there* frequentemente se confundem. Se o estilo de Geertz resulta de uma postura anticolonial que pretende ser, ao mesmo tempo, anticientificista, fica claro que adotar uma retórica semelhante à de Geertz somente nos faria pobres imitadores de um sentimento de culpa que seria patético incorporarmos. Por outro lado, ler Lévi-Strauss, Malinowski, Ruth Benedict e Evans-Pritchard à maneira de Geertz igualmente significaria uma perda da nossa independência intelectual, empobrecendo a contribuição que estes autores deram à disciplina. No nosso lugar e no nosso tempo, Geertz precisa ser integrado, mas criticamente, depois de iniciados no fazer antropológico.

Bibliografia

- BARNES, Julian. 1985. *Flaubert's parrot*. New York, McGraw-Hill.
- CRAPANZANO, Vincent. 1986. Hermes' dilemma. The masking of subversion in ethnographic description. " Em CLIFFORD, J. e MARCUS, G. (orgs.), *Writing culture. The poetics and the politics of ethnography*. Berkeley, The University of California Press. p. 51-76.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1951. *Social anthropology*. London.
- FISCHER, Michael. 1980. *Iran. From religious dispute to revolution*. Cambridge, Harvard University Press.
- GEERTZ, Clifford. 1973. *The interpretation of cultures*. New York, Basic Books.

- _____. 1983. *Local knowledge. Further essays in interpretive anthropology*. New York, Basic Books.
- HORTON, Robin. 1967. "African traditional thought and Western science". *Africa*, 37:50-71.
- MAYBURY-LEWIS, David. 1965. *The savage and the innocent*. Boston, Beacon Press.
- _____. 1967. *Akwé-Shavante society*. Oxford, Oxford University Press.
- RABINOW, Paul. 1985. "Discourse and power: on the limits of ethnographic texts." *Dialectical Anthropology*, 10 (1-2):1-13.
- SARAN, A. K. 1987. *Max Weber and the end of Comtean sociology*. Trabalho apresentado no seminário Marx and Weber — Classical Theory for contemporary Societies, Max New Delhi, Max Mueller Bhavan.
- TAMBIAH, S. J. 1985. *Culture, thought and social action*. Cambridge, Harvard University Press.
- TRAJANO, Wilson. 1986. Que barulho é esse, o dos pós-modernos? *Anuário Antropológico*, p. 133-51

Mariza G.S. Peirano é doutora em antropologia pela Universidade de Harvard e professora de antropologia na UNB.